OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.....	4$000	2$000	~~$~~	~~$~~
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	~~$~~	~~$~~

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1138

10 de Agosto de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

NA CISTERNA (VENESA) — *Quadro de Acacio Lino*

CHRONICA OCCIDENTAL

Um dos grandes males sociaes da Hespanha, hoje tanto em fóco pelos acontecimentos que ali se têm dado, é a muita confiança que todo o bom hespanhol deposita na Virgem. Fia-se nella e não corre.

Ao passo que tantos outros morrem a labutar na esperança de poderem viver um dia de descanço, e toda a existencia lhes fóge na agitação e na ancia de ganharem o repouso que, quando uma vez lhes chega, já lhes não aproveita, porque o bom tempo passou e já não volta mais; ao passo que outros nunca sabem o que possa ser um sistema de vida completo, nem precisamente o que lhes seja principal ou accessorio, meio ou fim, realidade ou sonho, como aquelles para quem a ambição de riquezas se afigura o caminho mais seguro para a satisfação de outras ambições que nunca terão remate — o hespanhol é ainda aquelle que parece encarar a vida de mais alto, vivendo-a com maior intensidade de paixão, libertando-se mais da excessiva materialidade que a reveste, e repassando-a o mais que póde de ideal.

Bem olhado, todo o semblante de hespanhol, padre ou soldado, nobre ou plebeu, rufião ou toureiro, é cheio de intelligencia, de energia, e, o que é bem mais singular, de uma nativa circunspecção que em nada se lhes desconcerta, seja qual fôr a sua condição social, acontecendo que, ainda nos mais incultos, a faculdade de um bom discernimento é sempre poderosa. E toda a larga expansão dos grandes pezares, como dos grandes enthusiasmos do coração hespanhol, é sempre admiravel de livre sinceridade.

Nunca devemos tomar por critica deprimente para o caracter de um individuo ou de um povo, aquella que a um ou a outro aponte, como intransigencia de rotina, primitivas qualidades não mudadas e intactas, unicas que pódem permittir-lhe ainda, no contacto do materialismo moderno, uma ardente aspiração para o ideal, pelo misterioso e poderoso instincto da natureza humana, propenso sempre para tudo o que é grande e para tudo o que é justo.

Assim, a Hespanha, ainda hoje, a despeito da harmonica adaptação que se dá de toda a idéa moderna, e que justamente lhe imprime o duplo interesse da tradição assimilando o progresso, e do progresso respeitando a tradição, realisa um tipo bem raro, bem accentuado e bem solido, bem distincto e bem nobre, da alma humana que conserva, de outros tempos, toda a sua religião e toda a sua poesia.

A respeito do caracter e dos costumes hespanhoes andam ainda de pé idéas bastante equivocas. A Hespanha é ainda para muitos, o paiz dos touros, das navalhas de palmo e meio e das castanholas; a terra classica do imprevisto, exaggerada nos aspectos pittorescos por viajantes que, á semelhança do pae Dumas e de Merinée, por lá resumiram as suas vistas, de fugida, ao espectaculo de uma corrida, a qualquer historia san-

grenta de ciumes entre sevilhanos, e a algumas *jotas* navarras ou aragonêsas.

Terra de imprevisto é a de Hespanha, sem duvida, mas de um outro imprevisto, bem mais diverso e bem mais profundo, para quem se disponha a nella olhar, com olhos de vêr, no movimento dos espiritos, no embate das paixões, na exaltação dos fanatismos, quanto ha de grande e de exotico, de glorioso e de burlesco, de extraordinario e de incrivel; e depois, e segundo as latitudes, que confusão de orgulhosa fidalguia, de altivez democratica, de fé catholica, de paixões vehementes, de energia barbara, de imaginação intensa! Basta pensar-se como, em menos de tres seculos, ali fôram conhecidas e experimentadas as instituições politicas mais oppostas, e como por aquelle povo tem passado, em successivas fases, a liberdade e o despotismo, o progresso e a decadencia, a barbaria e a civilisação.

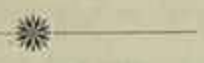
Lembremo-nos de como a Hespanha dominou a Europa, por onde desfilaram os seus exercitos triunfantes, impondo se pela força das suas armas, pelo valor dos seus generaes, pelo denodo dos chefes da sua marinha; lembremo nos de como ao seu jugo se curvaram a Hollanda e a Belgica, a Italia quasi inteira, parte da França e da Allemanha, terras da Africa, da Asia e da America, chegando ella ao desplante de affirmar que o sol, por muito que andasse, nunca desappareceria na volta de todos os seus dominios! Lembremo-nos ainda como, extincta a dinastia nacional, succedendo-lhe no throno a dinastia austriaca, e desde então até ao seculo passado, a Hespanha passou da liberdade para o absolutismo, e como este povo, que d'antes dizia ao rei nas côrtes de Aragão: «Olha tu bem que cada um de nós vale tanto como tu, e se não souberes respeitar nossos fóros comnosco te has de haver!...» este mesmo povo se viu dominado, aviltado pelo rei, pela inquisição, pelo clero.

Entretanto, sempre na idéa da patria esteve verdadeiramente concentrado para o povo hespanhol tudo quanto elle mais ama, tudo quanto elle mais sente, tudo quanto elle mais crê, desde o grande Deus, que ampara e decreta os destinos d'essa mesma patria, até ao rei, que a representa e governa. Podem variar os governos e variar os costumes; o que nunca varía, porém, é essa constante effervescencia do sangue de Pelayo e do Cid, correndo nas veias do mesmo povo que pelejou em Covadonga, que nos campos de Flandres se cobriu de gloria; o mesmo que para a corôa de Hespanha conquistou o ducado de Atenas, e sobre o sólo da Italia ergueu o mais alto monumento do valor das armas hespanholas; o mesmo que, na guerra da Independencia, se esforçou como nenhum outro pela defeza da honra, da bandeira, e da integridade da patria.

Nem o louco governo dos Filipes, nem as aviltantes fraquezas de Carlos IV, nem o odioso reinado de Fernando VII, nem a guerra da successão, nem as desordens civis que depois se seguiram, foram bastantes para anniquilar a Hespanha, grande sempre, até na propria decadencia.

E quando se queira citar um bello e forte exemplo de unidade nacional em lucta com as maiores catastrofes, com as peores desditas, com as mais fundas amarguras, que podem opprimir um povo, justo será recordar, com o nome da Hespanha, as grandiosas epopéas da sua reconquista, todas as grandes emprezas que formaram o resplendor da sua historia e foram, por muito tempo, o assombro do mundo todo.

João Prudencio.



O PINTOR ACACIO LINO

E' um dos novos da arte que surge agora na capital do norte, como uma revelação prometedora, mais do que isso, uma afirmação positiva que já se prova em factos de autenticidade, de valor de um artista que principia por onde muitos não acabam.

Acacio Lino. Ignoravamos completamente a existencia deste artista que ora se revela, e cuja vista de suas obras, reproduzidas na magnifica revista *Arte*, nos impressionou vivamente.

E' Guedes de Oliveira que, na dita revista, apresenta Acacio Lino, o novo artista que lá fóra concluiu seus estudos. Será elle que o apresente aqui tambem a nossos leitores, pedindo licença ao nosso colega a *Arte* para transcrever o belo artigo, assim como tão gentilmente nos permitiu estampar aqui os magnificos *similes* das obras daquelle artista.

Eis o artigo:

«Parece constar já da Historia — e se não consta fica desde agora constando, — que um bello dia o sr. Rodrigo Pereira da Costa Magalhães, proprietario por grosso em Amarante, trouxe pela mão a esta nobre cidade do Porto um pequenito de 12 annos, com o paternal intuito de o fazer cursar os preparatorios do lyceu. E' o sr. Magalhães um benemerito da patria pela abundancia da sua próle, e de tal modo que se Romulo bem mereceu da Posteridade por ter sido, embora por outros meios, o povoador de Roma, com muito maior numero de rasões o sr. Magalhães conquistou a estima dos vindouros por ter sido tambem o povoador de Amarante. Pode mesmo assegurar-se que aquelle D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae de Nun'Alvares e de mais trinta e tantos nun'alvarinhos dispersos, talvez não fosse capaz de vencer com o simpatico amarantense o *record* da procreação, e é esse porventura o maior titulo de consideração devido a este provinciano prolifico, que assim, por direito de... conquistas, confirmou os velhos creditos do portuguezinho valente.

Todavia, não é segredo para ninguem que se o fiel cumprimento do *crescite et multiplicamine* é grato ao supremo Ventura Terra do Universo, nem por isso deixa de ser infinitamente amargo para o bemaventurado que não tendo olhado para o numero se encontra na contigencia de pagar caro o luxo de ter sido um *chantecler* activo.

Casas da minha terra — *Quadro de Acacio Lino*

Falamos — ai de nós! — por experiencia propria.

Ora o illustre patricio de S. Gonçalo não fugiu aos encargos da situação e serenamente os satisfez, encaminhando na vida os seus numerosos continuadores. Um d'elles, por exemplo, seguiu com tão raro talento e felicidade a carreira da magistratura que tem aberto aos quarenta e poucos annos o seu lugar de desembargador da Relação do Porto, de onde, quando se entra como juiz e não como preso, só se sáe para a senilidade do Supremo Tribunal, — ou para a cóva.

Por esta amostra pode suppôr-se até onde chegaria o petiz de 12 annos que o sr. Magalhães conduziu um dia a uma casa d'hospedes, deixando o apenas com esta recommendação:

— Estuda!

Entregue a si proprio e á precocidade do seu optimo senso pratico, o pequenito, a despeito dos seus 12 annos e da sua relativa liberdade, estudou. Era elle, evidentemente, o nosso Acacio Lino, que não está aqui que nos ouça, e a quem podemos designar pelo diminutivo familiar, que lhe ficou, de — *Cacinho*.

Como foi o Cacinho parar á Academia de Bellas-Artes? Não pudemos averiguál-o, mas não cremos que d'isso dependa a sorte d'este artigo, como, afinal, do cometa de Halley não dependeu a sorte do mundo. O que importa saber é que o vimos lá — admiravel esforço! — estudando nos intervallos do lyceu e fazendo prodigiosos equilibrios d'horario para não faltar a nenhum dos dois estabelecimentos d'ensino. Era habilissimo; e o seu ar infantil, mas intelligente, creava-lhe simpatias que elle aproveitava á maravilha, sempre cuidadoso, pontual, serviçal, com um tacto subtil do *savoir vivre*, manifestando-se sempre um ser social perfeito, mantendo rigorosamente com todos a mesma cordealidade, amado dos condiscipulos — e sobretudo das condiscipulas, — tratado pelos mestres com carinho, pelo amigos com affecto, pelos estranhos com simpatia.

Claro é igualmente que se o pae Magalhães o enveredou para o lyceu e elle se desviou de motu-proprio para a Academia, é porque alguma rasão intuitiva de preferencia o determinou. O Cacinho não quiz faltar aos seus preparatorios e não faltou. Mas a Arte que o fascinara e desviara do caminho das letras, havia de acabar por absorvel-o e foi o que succedeu. Assim, elle terminou o seu curso. E como todos os rapazes artistas para quem a idéa de vencer é um estimulo e um impulso, longamente cogitou o sonho de Paris. Ora os senhores o sabem. Está officialmente assente que Paris seja a fonte de todos os nossos elementos de actividade e de saber. E' de lá que importamos a sciencia e a arte, a litteratura e os sabonetes caros, além das bugigangas bem empacotadas e das enormidades da moda, de que são documento na quadra os Colyseus que as senhoras estão usando com o nome de chapéos. Os italianos, infinitamente mais patriotas do que nós, costumam dizer: *Vedi Napoli et poi muori!* Os rapazes das Academias não são estranhos ao contagio de Paris e de Paris pensam como os italianos de Napoles.

O Cacinho viu realisado o seu sonho. E ainda está na memoria de muitos o alvoroço, o entusiasmo, a alegria estridente com que os seus condiscipulos lhe festejaram n'um jantar de vesperas de partida, o pensionato em França, jantar a que o auctor d'estas linhas só pôde assistir em espirito, vindo por isso a receber uma larga descompostura ainda quente de champagne. Fôram pois três annos de Paris, que para mais não dá o fôlego do programma e a largueza do orçamento. N'esse Paris o fômos encontrar, quasi nas mesmas condições em que o pae o deixara no Porto, talvez até da mesma estatura, formato *mignon*, designado pelas *concierges* como *un tout petit jeune homme*, falando com todos, e dispondo do *Quartier latin* como se fôsse o proprio sr. Falliéres em pessoa.

São de depois d'esses três annos de Paris os trabalhos expostos ha pouco na sala da Sociedade de Bellas Artes. Constituem esses trabalhos a documentação definitiva do valor d'um artista? Elle mesmo os não considera assim, e isso só serve para o honrar, para lhe engrandecer a probidade, e para lhe nobilitar a intelligencia. Tendo sido forçado a consumir o seu tempo quasi que nos

seus cuidados escolares, Acacio Lino pouco mais póde trazer do que *reportage*, impressões, apontamentos, notas de momento febrilmente colhidas n'um excursionismo rapido, com o horario á vista, e um praso fatal a terminar, além de alguns como que exercicios de destreza, em que o seu pincel nervosamente caminhou e a sua exhuberante fantasia se traduz. São d'esta categoria os esbocêtos da *Ceia dos Cardeaes*, *Na Ilha dos amores*, *Despertar de silenio*, e aquelle brilhantissimo esquisso *De Tanger para Arzilla*, que revéla um poder de evocação absolutamente incomparavel. Este esquisso, que é o sonho d'um admiravel quadro, constitue pela visão extraordinaria do assumpto, pelo vigor do pincel, pela arte e pela energia com que recolhe a impressão do movimento, do local, do sol, d'aquelle poeirento sol marroquino, que parece suffocar-nos, uma das evocações mais bellas que temos visto em pintura. Acacio Lino nunca viu Tanger, não conhece Marrocos, nunca errou perdido n'um d'aquelles caminhos ardentes e estereis do mais desolador dos paizes, e todavia aquillo que elle traduz n'um palmo de téla é assim, deve ser assim, nada mais do que assim. Ali respira-se a custo, e aquelles selvagens passam deante de nós indomavelmente ousados, impetuosos, repulsivos.

Um artista que assim se manifesta certamente podia dar-nos alguma coisa de mais completo, no sentido iconografico da palavra, se o tempo, e ainda mais as contigencias da vida, lh'o permittissem. Elle pensou em demorar para mais longe a exhibição da sua obra e accrescental-a com o que é uso chamar se trabalhos de fôlego. Mas já não faltava quem perguntasse se o *séjour* de Paris teria sido inteiramente esteril. Não foi, como se viu. E se, como dizemos, a anciedade dos que se interessam pelas affirmações d'um novo não permittiram a Accacio Lino prepararse como queria, o que expoz não deixou de o patentear como um artista de raça, talvez mais imaginativo do que reflectido, mas por isso mesmo marcando uma individualidade áparte, fogosa, vibrante, quasi oriental, no meio dos nossos artistas geralmente contemplativos e elegiacos E' uma prova d'este acerto a pompa asiatica do seu colorido, quasi licencioso, e a predilecção dos seus assumptos. A palêta de Acacio Lino está sempre, como se diz na musica, uma oitava acima; e se nos quadros de genero o fascinam os motivos sensuaes e picantes, na paisagem deixa para os melancolicos as horas crepusculares e tristes, e prefere o sol cantante e fecundo, a vegetação plétorica, a natureza saudavel, forte, primitiva, tal como á hora alta do dia a vê na sua aldeia e da janella do seu quarto. Dil-o-iamos assim o pintor do meio dia, se pudessemos fixal-o n'um só ponto da sua larga aptidão, e é ainda o que exhibe da sua aldeia, quinteiros, casas, gados, que nol-o mostram. D'um temperamento assim enamorado da vida forte, não pode esperar-se uma pintura, como lhe chamaria Huysmans, — *pianoteuse*. Em Acacio Lino ha uma grande insubmissão de nervos, e o que lhe sae da palêta ou corresponde ao entusiasmo do seu espirito e o traduz, ou é tinta inutil e elle volta a sua téla para a parede, accende um cigarro e pensa n'outra coisa. E' esta a sua grande qualidade e póde ser tambem o seu perigo.

Diz o velho Buffon, se bem nos lembra no seu discurso de recepção da Academia, em que largamente discreteia sobre o estylo, que isto de ter genio é uma questão de esforço e assim será para aquelles que como Zola tenham as faculdades creadoras sob a tutela da vontade. Acacio Lino jámais será um homem de genio d'esta categoria, apesar de haver demonstrado tambem pela sua tenacidade a conquista do seu exito. A sua obra não nasce da reflexão ou d'um methodo de trabalho serenamente calculado, e imposto como uma obrigação a cumprir. Nasce de horas de febre e da necessidade involuntaria de produzir pelo prazer intimo de pôr para ali o que o seu espirito occupou. Os que assim produzem são, para nós, os verdadeiros artistas; os que produzem só pelo dominio do querer darão quando muito mecanicos excellentes.

Mas... nós estamos tentando explicar um novo, ainda no limiar, e elle póde, mesmo pela ordem natural das coisas, transformar-se a ponto de o virmos a achar irreconhecivel. Não importa. Julgamos apresental-o, ao correr da penna, tal como nos parece agora, e se falhamos na segurança da opinião queiram ter o encommodo de virar folha e fazer de conta que nos não lêram.

Porto, 20-5-910.

GUEDES D'OLIVEIRA.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

A Nazareth (1807-1812)

«Tudo a garra franceza a pouco e pouco
Destruiu, saqueou, roubou n'um furor louco.»

D. TRANCOSO.

«...horda selvagem, só comparavel ás que o Occidente da Europa viu e soffreu no seculo v da nossa era.»

A. CANDIDO.

Esta pequena povoação, apesar de n'aquella calamitosa época, se compôr de pobres pescadores, representou, como o affirma um erudito e primoroso escriptor, um papel importante na guerra peninsular.

Com a entrada do exercito francez em Portugal, sob o commando do general Junot, e distribuidas que fôram as forças invasoras pelos diversos pontos do paiz, veiu a ser occupada a fortaleza de S. Miguel, no extremo d'esta povoação, com uma guarnição de cincoenta e tantos homens com a competente artilharia, para cuja collocação se lhe fizeram as obras necessarias, ao passo que, a meia legua de distancia, foi construido de novo pelos francezes o forte de S. Gião, depois guarnecido com duas peças de grosso calibre e vinte e tantos homens, e com egual força o de S. Martinho, sendo todas estas forças commandadas por um official chamado Miron, sob as ordens do general Thomiers, governador de Peniche,—ordens que eram transmittidas ao commando das guarnições dos fortes por signaes telegraphicos.

A breve trecho insurgiram-se os povos contra os despotismos, roubos e assassinios praticados, de norte a sul, pelas phalanges invasoras.

A 22 de junho de 1808 sublevava-se Aveiro e Mealhada, a 23 Coimbra, onde se organisou um batalhão academico, e a seguir Pombal, Figueira da Foz e outras povoações proximas do littoral, que estavam guarnecidas por soldados francezes. A 30 chegava a Leiria uma pequena parte do batalhão academico com bastante paizanagem dos logares por onde passavam — ao todo — uns 200 ou 300 combatentes.

O movimento redobra de intensidade. As guarnições fogem. Thomiers manda recolher as guarnições dos fortes, e deixa a do forte de S. Miguel, o que não impediu que partissem para Leiria, (então séde de comarca), emissarios, no louvavel empenho de obterem das forças academicas ali chegadas de Coimbra os necessarios soccorros contra os francezes, que infestavam aquelles sitios.

Os estudantes, que em todos os tempos teem manifestado de sobra os seus brios acendradamente patrioticos, não hesitam pôr-se a caminho para esta povoação, levando comsigo um corpo de paizanos dos que se achavam mais bem armados.

Miron, a quem estava commettida a defeza do forte de S. Miguel, por um impulso accentuadamente despotico, ordena ao juiz da Pederneira (1) para rapidamente lhe serem fornecidas 500 rações de reserva, sob pena de ser saqueada a terra.

Como este magistrado não podesse effectuar a sua determinação nas poucas horas que lhe fôram aprasadas, não se fez esperar o saque ás casas dos seus habitantes, que começou no dia 1 de julho de 1808 e terminou no dia immediato.

O povo, n'um fremito de revolta, por tão cruel e infame procedimento, levanta como um só homem, o grito patriotico de *morram os francezes*; e, crescendo cada vez mais entumescida a onda da indignação popular, esfaqueiam a ordenança franceza, que vinha do forte de S. Martinho com os despachos para o de S. Miguel; quebram o mastro em que se faziam os signaes de communicação, e egualmente esfaqueiam a sentinella.

A guarnição conhecedora da energica attitude dos revoltosos e do assedio á fortaleza, auxiliado pelos academicos, esteve a póstos, sem reforço algum das outras guarnições, por isso que a de S. Gião, tendo deixado as peças mal encravadas e enterrados dois barris de polvora, se havia encorporado com a de S. Martinho a Thomiers, que girava por entre Caldas, Obidos e Peniche.

Não tardou que d'ali fôssem retiradas as peças e barris de polvora, e em seguida postadas no alto do môrro da Nazareth, onde mais facilmente podesse ser batida a fortaleza de S. Miguel.

Pouco depois um artilheiro portuguez dos que se achavam na fortaleza ao serviço do inimigo, obedecendo á voz do dever, imposta pelo mais estreme patriotismo, toma conta das peças e do material ali existente, e, assestando-as, dirige, com tanta firmeza e pericia, o fogo, que uma bala acertou logo sobre a porta da fortaleza causando-lhe alguma ruina; e succedendo a esta outras de effeitos desastrosos, mas terriveis, obrigou o commandante Miron a render se, ficando elle e seus subalternos prisioneiros de guerra.

FORTE DE S. MIGUEL

N'este ataque em que se distinguiram os academicos e um grupo de valentes populares, que os seguiam, ha a registar a fórma benevola por que fôram tratados os prisioneiros, com quanto mal vistos e odiados pelo povo, especialmente o barbaro Miron, que, como tenente de artilharia portuguez, havia passado ao serviço do imperador dos francezes.

Com os prisioneiros retiraram os academicos e seus auxiliares para a então villa da Figueira da Foz, e d'ali para Coimbra, sendo depois conduzidos para o Porto, seu ultimo reducto.

Após esta retirada, era a costa, amiudadas vezes, vigiada pelas tropas napoleonicas. No dia 6 de manhã, quatro atiradores, mercê da sua excellente posição, fazem retroceder no sitio da Barquinha 50 francezes que vinham atacal-os.

Seguidamente, com o fim de melhor prepararem sua defeza, são lhes mandados pelos inglezes, que occupavam as Berlengas, alguns artilheiros e peças de pequeno calibre, que, com as que poderam aproveitar do forte, faziam o numero de dez.

Os artilheiros inglezes, depois de convenientemente montadas as peças, tornaram logo a embarcar, ficando estas servidas pelos pescadores da costa, e assim permaneceram por alguns dias. O serviço das guardas, por elles prestado, foi feito com tanta exacção, que aprisionaram 4 espias, que remetteram para bordo d'um navio inglez.

Estando, entretanto, travada a lucta popular, já bastante avolumada com a suspeita da chegada da esquadra ingleza, Thomiers, a quem estava confiada a missão d'explorar o littoral, entra, antes de romper a madrugada do dia 15 de julho de 1808, na Nazareth, que fôra abandonada pelos milicianos que a guarneciam, com um corpo de 3:000 homens e algumas peças d'artilharia com o fim de destruir e saquear as povoações d'aquella costa.

Arrebatado de furioso rancor manda espingardear, junto ás peças, alguns dos poucos que serviam d'artilheiros, uma mulher e homens de provecta edade, e praticar, sem excepção d'especie alguma, taes crueldades, roubos e assassinos, que, na phrase d'um douto escriptor, as suas acções excederam talvez as atrocidades de Margaron

(1) Era obrigado a fornecer diariamente aos francezes certa quantidade de viveres.

O Pintor Acacio Lino no seu «Atelier»

Ceia dos Cardeaes

Quadro de Acacio Lino

em Leiria. Na sua barbarissima furia, no seu genio destructivo e terrivel, como nos diz o eminente orador Antonio Candido, os francezes adoptaram, em toda a parte, o incendio, como prompto e facil alliado.

Na Nazareth reduziram a cinzas 13 ou 14 predios; e descendo á Praia, que então tinha 300 ou mais casas, sómente escaparam 4, queimando acto-continuo, as rêdes e barcos dos pescadores. No numero de casas incendiadas desappareceu uma barraca que ali tinham os padres Bernardos, a qual lhes servia de casa d'arrecadação dos direitos de pescado, deixando intacta a capella, da qual retiraram os santos para os espingardearem no areal, aonde depois fôram achados os fragmentos. Na Pederneira, depois de saqueada esta povoação, lançaram fogo ás duas egrejas, escapando, facto notavel, (posto que a pouca distancia), de ser entregue ás chammas o famoso templo de N. S. da Nazareth, á sombra do qual nasceu esta povoação e d'onde deriva o seu nome (1), mas não das abominaveis violações e roubos, que um conspicuo escriptor nos regista: apoderaram-se dos seus ricos ornamentos, vasos sagrados, joias, dinheiro e outras preciosidades; fizeram em pedaços o orgão; quebraram uma imagem do Menino Jesus; despedaçaram o mais; acutilaram um crucifixo; lançaram por terra o SS.ma Sacramento; e por fim foi retirada a sagrada imagem de N. S. da Nazareth, tida como uma das mais milagrosas da christandade, da tribuna, entre motejos e desprezos da soldadesca franceza para em seguida a abandonarem, sendo mais tarde encontrada pelo reitor, Antonio José Baptista de Leão, a um canto do altar-mór, estando presentes os mordomos que depois solemnemente a collocaram no throno.

Se por um lado o general Thomiers havia dado redeas ao seu indomito furor pela perpretação de taes crimes, roubos e infamias, os soldados de Massena enchiam de sombrio terror estas povoações pelas suas inqualificaveis crueldades, exercidas, tanto em tenras creanças e timidas donzellas, como em velhos imbelles.

«E nada resistira á furia cannibal
«dos ávidos francezes.....»

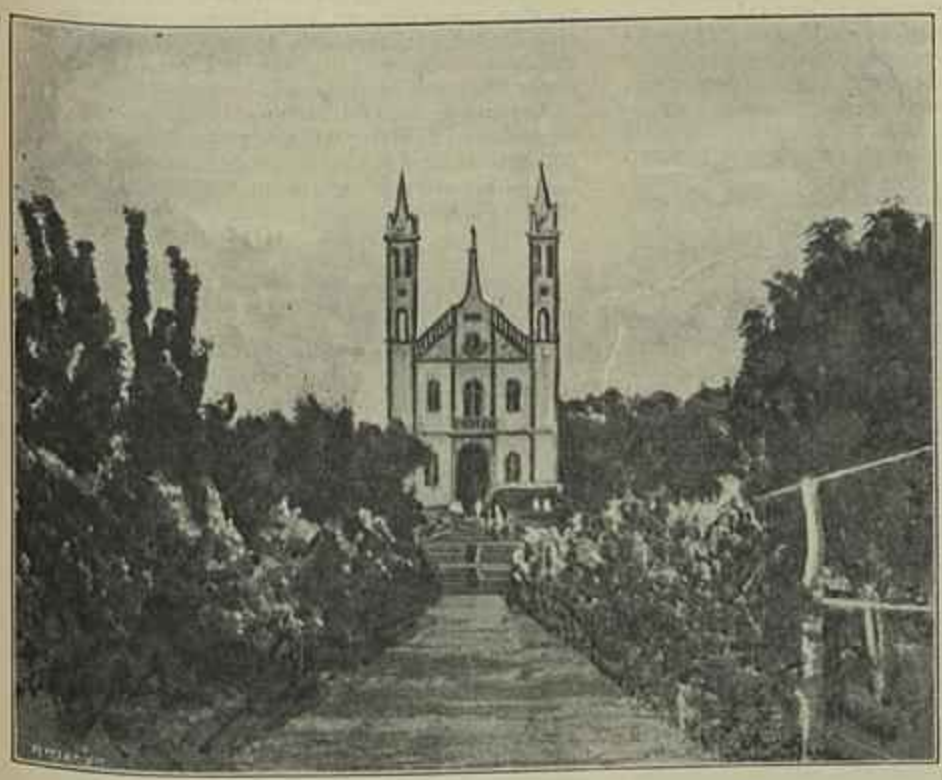
Ocioso é dizer, que no real santuario se repetiram os mesmos sacrilegos desacatos; a imagem novamente retirada da tribuna, e depois collocada em sitio improprio pela soldadesca franceza, tanto dentro, como fóra do mesmo santuario, até que, sendo encontrada, por um feliz acaso, no poial da casa de Francisco Miguel, sita no largo denominado *Terreiro*, pelo mordomo, o Reverendo Padre Antonio Baptista Bello de Carvalho, nunca mais a abandonou resolvendo, desde logo, sahir

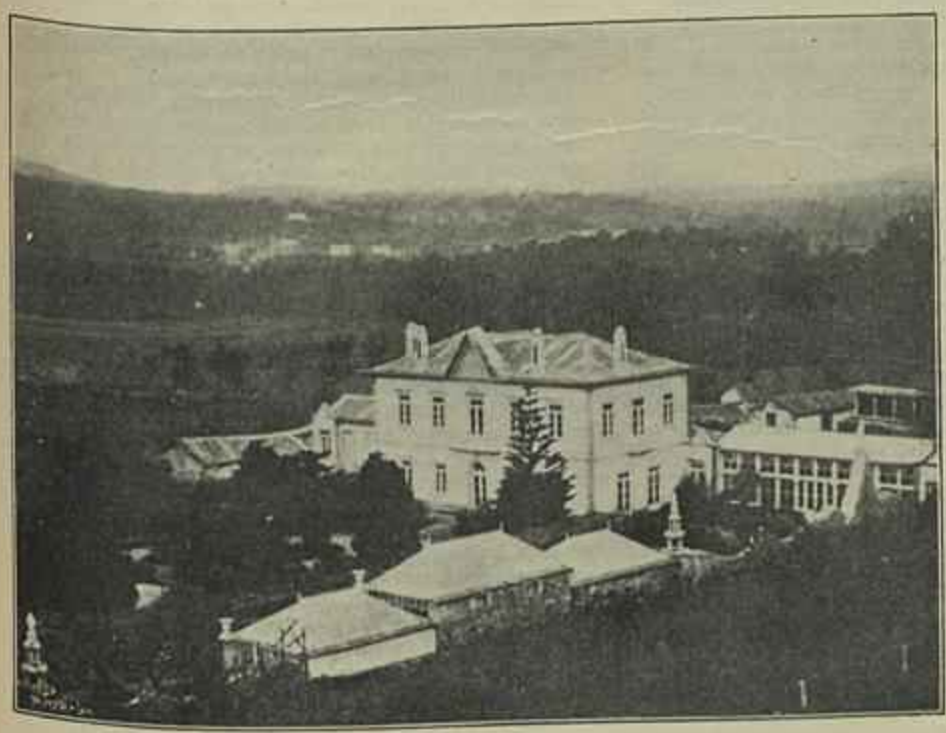
(1) Vidè: — *Panorama* — Anno 1857 — Pag. 249.

S. M. El-Rei D. Manuel II, no Bussaco

No Bussaco — Rua do Mosteiro

O Grande Hotel do Bussaco





O Santuario da Carregosa — O solar da Carregosa

No Bussaco — A Fonte Fria

d'esta povoação, sua terra natal, para o que muito concorreu o provedor da comarca, Antonio Pedro d'Oliveira Gaio.

No dia 4 d'outubro de 1810 se poz a caminho de Mafra levando comsigo a Santa Imagem. Ao transpôr o alto da Barca, d'onde se esconde á vista o deslumbrante panorama da Nazareth, em que sobresae o magestoso templo com a sua estatura soberana, envia-lhe um saudoso adeus, e seguindo a sua rota, sob a egide da fé, passa pelas villas das Caldas da Rainha, Obidos e pelas notaveis linhas de Torres Vedras (1), aonde lhe

(1) Estas linhas foram mandadas construir por Wellington em 1809 e 1810.
Eram tres, mas distinctas: a 1.ª de comprimento de 38 kilometros começava junto de Alhandra e terminava em Odasqueira, passando por Torres Vedras, e era dividida em 3 secções: a primeira d'Alhandra com 87 peças d'artilharia em 30 redentes; a segunda do Sobral de Mont'Agraço, com 75 peças em 11 redentes; a terceira de Torres Vedras com 273 boccas de fogo em 37 redentes. — A 2.ª linha, distante da primeira 6 a 10 kilometros, ia d'Alverca á Ericeira. — A 3.ª formando uma linha continua de 3 kilometros de desenvolvimento era em Paço d'Arcos. Estas obras, destinadas a defender Lisboa, levaram dez mezes a construir, deixando á capital uma communicação segura com o mar.

é imposto um outro tragecto inteiramente contrario ao que tinha traçado, por cujo desvio, e *por uma encadeação de acontecimentos raros*, como se diz na inscripção, que abaixo transcrevemos, vem ter ao logar de Pendão de Bellas, e ali já noite cerrada lhe são abertas de par em par, as portas da casa de João Luiz, criado de Sua Alteza Real o Principe Regente D. João.

Eis a inscripção que se acha embutida em azulejo, na parede d'aquella casa, que actualmente pertence a Duarte José Bellas (1):

«*A invasão dos barbaros francezes em este reino de Portugal motivou o facto extraordinario da sahida da Milagrosa Imagem de N. S. da Nazareth da sua egreja e real capella, cuja sacrosanta imagem, por uma encadeação d'acontecimentos raros, veio ter a casa de João Luiz, ao Pendão de Bellas, e trazida pelo Padre Antonio Baptista Bello de Carvalho, mordomo da Real Casa da dita Senhora, e que, como administrador da Mesma, depois de publicada a morada da V. S. S. em casa do dito João Luiz, se conseguiu a collocação da Milagrosa Imagem em a Real Capella de Queluz para a veneração dos devotos durante a residencia d'aquella Sagrada Imagem em a mesma Real Capella.*»

Chegou em o dia 12 d'outubro de 1810.

Esteve, pois, ali exposta, desde 25 de março de 1811, no altar collateral de S. Clemente até 3 de setembro de 1812, data em que por concessão régia foi mandada recolher ao seu alegre e magestoso santuario, na Nazareth, padrão indelevel dos sentimentos religiosos d'el-rei D. Fernando.

Conduzida a imagem em uma rica berlinda, sob a direcção das pessoas mais gradas de Queluz e Bellas de que fazia parte o Reverendo mordomo Bello de Carvalho, foi durante o seu trajecto solemnemente festejada pelos habitantes de Bemfica, Villa Franca de Xira e Caldas da Rainha; em Bemfica deu entrada na egreja parochial de N. S. do Amparo com a maior solemnidade, com sermão que pregou o Padre José Agostinho de Macedo, prégador regio e toda a noite festejada; e no dia seguinte 4 do citado mez e anno — celebrou-se missa de pontifical em que prégou o padre Diogo dos Santos Mello, beneficiado e prégador régio da Santa Egreja Patriarchal, e em Villa Franca de Xira e Caldas da Rainha se lhe cantou *Té-Deum* e missa solemne.

Chegado o dia 6 d'aquelle mez e anno deu entrada na Nazareth com as maiores demonstrações de regosijo, vendo-se as ruas ornamentadas com verduras e arcos triumphaes; e parando o cortejo seguido de numerosa assistencia de povo em frente da porta do santuario, foi tirada a imagem da berlinda pelo Principal da Egreja Patriarchal, Gomes Freire d'Andrade, e a entregou, perante todas as auctoridades do concelho e de fóra, collegiadas da Nazareth e Pederneira, ao novo Reitor, o Reverendo Padre Antonio Baptista Bello de Carvalho, que a levou debaixo do pallio até ao altar-mór entre gloriosos hymnos e expansivas hossanas, que com grande lustre e apparato se repetiram nos dias immediatos com a mesma numerosa concorrencia, para maior engrandecimento do culto d'esta Veneranda Imagem, de que era um desvelado levita o virtuoso reitor, como o fôram, em rudes tempos de seculos transactos, por analogos motivos, os monges Cyriaco e Romano, vultos proeminentes nas brilhantes paginas da historia do cuto de N. S. da Nazareth.

Taes são os traços geraes dos successos, na sua maior parte de lugubre memoria, occorridos, durante a guerra peninsular, n'este pequeno torrão da terra portugueza.

LINO J. F. DA COSTA.

(1) O retabulo com esta inscripção foi benzido em 20 d'agosto de 1814.

El-Rei D. Manuel II no Bussaco

Visito ainda outra vez as tuas cimas,
O Lib-no de Lysia, alto Bussaco:
E venho sob os teus copados cedros
Passear meditando.
. . . . . .

AYRES DE SÁ PEREIRA DE CASTRO.

Foi acolher-se El Rei ás sombras frescas do Bussaco e, na tranquillidade da grandiosa mata, buscar retiro das canceiras da governação.

Melhor logar não haveria para esse retiro, onde não chegam os rumôres das cidades; logar onde o ar é puro e a naturesa majestatica, concentrando o espirito na contemplação meditativa, elevando-o ás amplidões do infinito, e ali, como Soares de Passos, o joven soberano poderá dizer:

«— O rei destas montanhas
Sauda o rei dos céus.»

O Bussaco é tão celebre pela sua grandiosa mata onde se elevam até ás nuvens arvores de todas as especies, desde as indigenas ás mais exoticas, ali plantadas pelos frades, como pela sua historia, em que avulta o grande feito de armas que lá se praticou, na gloriosa batalha de 27 de setembro de 1810, que infligiu ao exercito de Napoleão a maior derrota que sofreu, empanando completamente o prestigio daquelle *Anjo das Victorias*, Massena.

Ali se feriu a batalha que sacudiu de vez do solo da patria a terceira invasão francêsa, cujos soldados escabujaram por aquellas montanhas, com todas as glorias de cem batalhas, e os robles ficaram de pé, testemunhas inabalaveis dos seculos, para contar ás gerações futuras quanto são efemeras as glorias do mundo.

Lá está o convento, que serviu de quartel general a Wellington. Fabrica humilde que em suas célas abrigou tanta ciencia e virtudes de seus moradores.

Sem que o fausto, ou sequer as comodidades o atraissem, lá passou dois dias D. Pedro II, em 1704, preparando-se, acaso, para a campanha que ia encetar contra Castela, em cumprimento da celebre *grande aliança* das potencias para colocarem no trono de Espanha ao arquiduque Carlos de Austria, proclamado Carlos III.

Arriscada aventura foi essa, de funestas consequencias, que não vem para aqui historiar.

Da passagem de D. Pedro II pelo convento do Bussaco, em 24 de agosto de 1704, escreve o cronista fr. João do Sacramento, relatando a grande humildade com que o «Serenissimo e piissimo Rey D. Pedro II» ali se apresentou. No regresso, diz o cronista, que chegando só á portaria, onde estava de serviço frei Diogo da Ascenção, que o não conheceu, este lhe perguntou o que queria, ao que o rei respondeu: «Sou um soldado que pela devoção deste logar o quizera vêr.» E o frade lhe replicou: «Se vossa mercê traz licença com a benção de Deus, que sem ella, não me é licito admitil-o á clausura, nem guial-o ao convento.»

Entretanto chegavam alguns da comitiva real que o frade reconheceu, e cahiu «aos pés do Rey, que da terra o levantou com desusada piedade».

Poucos dias depois passou no Bussaco D. Carlos III que ia juntar-se a D. Pedro II. O pretendente ao trono de Espanha tambem quis visitar o convento, mas dessa visita a cronica só regista, que elle muito se edificara daquelle santo logar.

Em 1852, tendo socegado o reino das guerras dos partidos que ensanguentaram a implantação do regimen liberal, foi a rainha D. Maria II fazer uma viagem pelo norte de Portugal, e depois de estar em Coimbra, com o rei consorte D. Fernando, o principe D. Pedro e infante D. Luis, onde foi recebida com grandes festas, visitou, no dia 26 de abril, o convento do Bussaco, sendo-lhe oferecido pela municipalidade da Mealhada, um almoço no refeitorio do mesmo convento.

Logar de tanta paz e de tantas recordações historicas, foi agora o escolhido por El-Rei D. Manuel II para repousar e retemperar a saude, naquella altitude, onde os pulmões se refazem a plêno ar. No Luso vae tomando banhos, e passeando ás tardes sob os espessos arvoredos da mata.

O Bussaco é hoje uma mata á moderna, desbravada, por assim dizer, a virgindade da sua floresta, com ruas ou avenidas regulares e o seu grande hotel, que é um monumento em estilo manuelino; Luso já não é a pobre aldeia de outros tempos de barracas tôscas, incluindo as de seus afamados banhos, que tem hoje edificio moderno onde não faltam todas as comodidades e higiene, e para mais agora engrandecido com o prestigio real, do uso dos seus banhos por El-Rei.

Sua Magestade, durante sua estada no Bussaco, tem dado largos passeios de automovel, a varias terras da Beira Baixa, onde foi muito victoriado pelas populações, e veio a Coimbra assistir a actos da Universidade, sendo ali recebido com toda a solemnidade e grandes manifestações de simpatia.

No domingo 24 de julho, foi El-Rei á Carregosa, a convite do sr. Bispo Conde, que para isso viera ao Bussaco.

A Carregosa é uma freguezia da Beira Baixa distante uns 30 kilometros ao S. de Coimbra, e onde o ilustre Bispo de Coimbra tem seu solar, na quinta da Costeira; um solar encantador pelo pitoresco do sitio, de solo acidentado e fertil, manancial de aguas purissimas, e realçado pelo magnifico templo que, ha cerca de dez annos, o sr. Bispo Conde e seu irmão, o sr. conselheiro Antonio Maria Corrêa de Bastos Pina, D. Prior de Cedofeita, ali fizeram construir á Nossa Senhora de Lourdes e que é o primeiro e mais imponente Santuario levantado em Portugal á Virgem daquella invocação.

A viagem de El-Rei á Carregosa, de automovel, foi uma viagem triumfal, pelas expontaneas e sinceras manifestações com que os povos o aclamaram desde a Mealhada, Anadia, Agueda, Albergaria, Oliveira de Azemeis e mais povoações por onde passou. Em muitos pontos do caminho havia mastros embandeirados, festões de verdura, musicas e grande concurso de pessoas de todas as classes que victoriaram o joven monarcha e lhe atapetavam a passagem de flôres.

Chegando á Carregosa, a recepção não podia ser mais festiva, sendo El-Rei esperado pelo sr. Bispo Conde em Pindello, e dando entrada na povoação, tocaram os sinos da egreja matriz e os do Santuario em alegres ripiques de dia de festa.

O povo invadiu a quinta da Costeira até ao Santuario, e todos á profia levantavam vivas a El-Rei e á familia real, o que era agradecido pelo monarca com visivel satisfação.

O sr. D. Manuel descançou um quarto de hora no principesco solar, e depois seguiu para o templo, debaixo do palio, com o sr. Bispo Conde, que foi resar a missa.

Terminada esta voltou da mesma fórma ao solar, e ali lhe foi oferecido almoço pelo sr. Bispo Conde, a que assistiu a comitiva real e mais convidados, como o sr. dr. Vaz Ferreira, governador civil do distrito; condes de Agueda e de Sucena, dr. Paulo de Barros, Eugenio de Castro, comendador Borges d'Almeida, etc.

A retirada, não foi menos festiva do que a chegada, e El Rei guardará gratas lembranças daquella visita á Carregosa, como uma das mais agradaveis diversões que a sua estada no Bussaco lhes permitiu.

CAETANO ALBERTO.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A aviação vae conquistando adeptos não sómente entre o bello sexo, na pessoa da senhora Laroche, a que se seguiu a senhora Franck, que, ao fazer evoluções sobre o aerodromo de Beldon (Sunderland), esbarrou num poste com o biplano que pilotava, caíndo arrastada pelo apparelho; que matou um espectador e ficando a aviadora com os braços e uma perna fracturados. A aerostação já despertou enthusiasmo nos proprios reis, sendo o monarcha da Bulgaria o primeiro que se arrojou a uma viagem de 7 minutos no biplano de Laminne. O rei Fernando accedera ao pedido dos seus filhos, o principe Boris, herdeiro do throno, e do irmão mais novo, o principe Cyrillo, para acompanharem aquelle aviador, nos seus exercicios no aerodromo belga de *Kiewit*, resolvendo-se depois a seguir-lhe o exemplo.

A 17 de julho o aviador dinamarquez *Svendsen* fez a travessia de *Sund* entre Copenhague e Malmoë, percorrendo o estreito, que naquelle ponto mede uns 30 kilometros, em 31 minutos.

Se as coisas vão caminhando para que a guerra venha a alargar o seu campo d'acção no dominio dos ares, é tambem certo que na terra e no mar a humanidade procura tornar-se cada vez mais aguerrida, dando por vezes mostras d'um recrudescimento de ferocidade que deixa a perder de vista as horripilantes scenas do Colyseu de Roma, pois que no seculo da electricidade e do radio, da telegraphia sem fios, do codigo internacional de Bluntschli e das conferencias da Haya, vemos accesa por toda a parte uma lucta de raças, não em obediencia áquelle principio calorosamente defendido pela escola darwinista e que se symbolisa nas tres palavras — *struggle for life* — que a Inglaterra arremessa ás nações pequenas e de sangue depauperado, mas, o que é deveras triste, obedecendo a um odio cego que a raça branca da America ha muito vem nutrindo contra os pretos e amarellos, cujo sangue anima os grandes emprehendimentos materiaes de que ella gosa. Essa lucta, manifestada em continuos combates na via publica, entrou nos dominios do *sport*, com aprazimento dos espectadores e, ainda mais, dos emprezarios de circos, de hippodromos e de colyseus!

Na ancia de esmagar a raça preta, que tem saído vencedora nos differentes *matches* realisados nos Estados Unidos da America do Norte, organizou se em 4 de julho novo *match* entre o negro Johnson e o branco Jeffries, com a assistencia de mais de 18:000 espectadores, que disputavam a murro os seus logares, generosamente pagos em bons *dollars*, sendo facil calcular a enormidade de apostas sobre o resultado do combate das feras, que de humano só tinham gesto nem peito. Centenas de contos recompensaram os dois adversarios, ficando vencedor o negro Johnson, que em 15 assaltos, d'uma violencia que Hercules invejaria, deixou como morto o seu antagonista Jeffries, hoje completamente surdo por causa dos formidaveis soccos, mais certeiros que settas, que o *escarumba* teve a audacia de lhe ferrar, apezar da raiva dos espectadores adeptos de Jeffries, que não puderam calar a derrota, provocando disturbios de que resultaram muitos mortos e feridos.

Este espectaculo indigno do nosso tempo provocou reprovação de todo o mundo civilisado, que no entanto consente morticinios motivados por differença de crenças religiosas, como succedeu ainda o anno passado na Armenia.

Aquella scena, desenrolada em *Reno*, perto de New York, despertou a ganancia das emprezas cinematographicas, uma das quaes não hesitou em offerecer uma somma colossal de *mil contos* pelo exclusivo das fitas que pudesse obter durante o *match* de 4 de julho; o povo, porém, oppoz-se a essa exhibição vergonhasa.

Os scepticos teem, no entanto, o direito de perguntar se a sua attitude seria a mesma no caso em que Jeffries saísse vencedor!...

*

A Inglaterra acaba de votar 3.444:000 libras para a acquisição de mais 4 *dreadnoughts*, que estarão construidos em 1913. Aquella nação ficará com um effectivo de 27 *dreadnoughts*, contando 4 para as colonias, ao passo que a Allemanha contará apenas 21 e a Italia 4.

Por occasião das ultimas eleições, os conservadores e os unionistas combateram a idéa do *Two powers standard* defendida pelos liberaes, segundo a qual a Inglaterra deve ter sempre uma esquadra egual ás das duas nações mais poderosas. Asquith advoga este principio, afim de manter a supremacia da marinha ingleza, pois que todo o poderio da Inglaterra se baseia no dominio do mar; renunciar a esse principio seria o mesmo que renunciar ao logar immenso que o povo inglês conquistou no mundo.

A' formidavel opposição do deputado socialista Dillon, o primeiro ministro defendeu calorosamente o augmento da defeza naval, embora a construcção de cada *dreadnought* venha retardar alguma reforma social, accrescentando que nenhuma d'essas reformas é possivel sem a devida segurança nacional e que a limitação das construcções navaes só se poderá prever depois de 1912.

Segundo a versão do senador francês Gervais, o rei Victor Manuel III tomou a peito o problema da *limitação do armamento*, expondo ao chefe d'estado d'uma grande potencia (Eduardo VII ou Guilherme II) uma concepção, cuja base consiste na divisão dos navios de guerra em categorias, optando cada nação pelo typo que julgue mais necessario á sua defeza.

A consequencia d'este plano seria o termo da lucta das nações sempre empenhadas na construcção de navios de typo cada vez maior e mais poderoso, com pezadissimos sacrificios financeiros.

Não foi decerto á Inglaterra que o rei de Italia expôz o seu projecto, visto que essa nação se tem empenhado, de ha cinco annos para cá, em fazer admittir o principio da reducção das construcções navaes. Trata se, ao que parece, da Allemanha, embora despacho officioso de Colonia, assegure que não houve negociações a tal respeito; o certo é que esta nação se oppoz sempre á limitação dos armamentos maritimos, e ainda no ultimo congresso da Haya ella se recusou a approvar um projecto apresentado nesse sentido, não porque ella esteja animada de sentimentos bellicosos, mas porque entende dever conservar a sua liberdade plena d'acção, levando o seu poderio no mar ao mesmo ponto em que mantém o seu poderio terrestre.

Todos os outros governos se acham dispostos a examinar e a discutir o projecto da limitação do armamento, pois que o accrescimo enorme das despezas com o exercito e marinha constitue pesadissimo sacrificio para todas as nações por mais ricas que sejam.

A Allemanha, cujas finanças são extremamente precarias, insiste no proseguimento do caminho em que se metteu, porque entende que a realização do seu programma naval actual é absolutamente necessaria para a plena salvaguarda da sua defeza.

A patria de Schiller e de Goethe n'este caso, como em muitos outros, tem modo de vêr pratico e muito positivo, que lhe dá foros de grande nação, a quem a Turquia vae propôr a compra de dois couraçados: — o *Brandeburg* e o *Friedrick Wilhelm*, e o Brazil está tratando de mandar para lá algumas dezenas de jovens officiaes do exercito para fazerem tirocinio nos diversos corpos do exercito allemão, indo alguns officiaes allemães servir de instructores no exercito brazileiro.

J. A. Macedo de Oliveira.

Os que voltam

Eis um titulo de romance deveras despertador da curiosidade indigena.

Voltar no sentido do auctor é regressar, mas não sob a vestidura primitiva.

Chama-se Jacintho Gago Machado de Faria o bacharel em direito pela nossa universidade coimbrã que *in mente* architectou a fantasia de genero theosophista e budhista que denominou *Os que voltam* e a leitura da qual nos transporta em imaginação áquella India de sonho que o Gama visitou na viagem luminosa das suas naus e o Camões recamou de brilhos inextinguiveis nas paginas immortaes do seu poema.

Jacintho Gago Machado de Faria

N'um elegante volume sahido dos prélos da typographia da Empreza da Historia de Portugal, com um texto distribuido por vinte e nove capitulos que abrangem 259 paginas, Jacintho Gago, tomando nas glorias passadas da patria lição ingente em alguns dos seus vultos de perduravel incidencia primacial encarna-os na pessoa de contemporaneos de procedencia diversa, e, ao mesmo tempo que os faz discutir e peregrinar dentro da propria peripheria philosophica de que o seu espirito se quiz fazer interprete, sabe com firmeza de conceito approximar tempos e fundir entidades, applicando-lhes na definição de caracteres a cauterisante energia d'uma critica perfeita.

Quando, ainda ha poucos mezes no meio de perfunctoria paléstra, o auctor me falou no romance em que andava empenhado, confésso com inteira franqueza que se me afigurou alguma coisa da lua, decidido parto do que se designa em linguagem de estudantes na categoria de *maduro*.

Devo tambem dizer que desde logo sympathisei com Jacintho Gago, physionomia aberta, d'estas que nunca enganam.

Em relação ao romance enganei-me redondamente e aqui me apresento penitenciando-me.

Pretendendo lêl-o de vagar, levei-o pelo contrario d'uma assentada, tal é a forma empolgante da sua urdidura, original entre nós, para a qual nos convida o proscenio da capa se assim me é permittido exprimir, onde avultam estampadas uma nau portugueza e uma ancora.

De tres elementos participa o romance *Os que voltam*, do philosophico, do historico e do politico.

O segundo dos indicados precedentemente é um primor em que a época de D. João 2.º e de D. Maria 1.ª revivem a nossos olhos em quadros não longos mas de intenso colorido.

A philosophia, de metempsycose e de encarnações successivas, está conjugada mediante fina habilidade no plano da politica a tal ponto que o leitor póde chegar a crêr que todo o romance data do principio de fevereiro para cá.

Pois de que isto não occorreu em verdade tenho eu a certesa mathematica. O ultimo capitulo subordinado ao titulo — *O juizo de Santurno — Portugal iniciando um novo semecyclo ascendente* — foi composto e até escripto depois de incluida no registo do crime hediondo a vil selvageria da tarde de um de fevereiro.

Vou transcrever do citado capitulo as seguintes linhas bem ponderadas:

«Eram classes e havia lucta! hoje não ha classes nem lucta! Ha o indifferentismo, o despreso d'uns pelos outros e a impossibilidade da lucta. Ha um Portugal que tem todos os trunfos na mão e que convida o outro a jogar, mas este com bom senso tem-se cada vez mais retirado da comedia. O primeiro foi encontrando sucessivamente mennos gente com quem jogar e por isso já não tem credito nem dinheiro. O segundo Portugal tem credito e dinheiro, mas não o quer confiar; no que faz muito bem. D'aqui resulta que o Portugal dos politicos é um quasi phantasma! tem uma existencia abstracta, pretenderá sempre identificar el-rei comsigo, separando-o da nação, na sua ancia de ter uma existencia real; foi o que já succedeu a D. Carlos! E' uma grande situação esta para uma creança!»

As faculdades de Jacintho Gago, patentes n'este seu primeiro trabalho de maior fôlego, impõem-lhe que prosiga n'uma obra didáctica orientada para legitimo realce da patria.

A Historia é o seu campo mais predilécto, e póde tambem sêr-lhe a consagração meritória.

D. Francisco de Noronha.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho 1910

Barometro. — Max. altura 768mm,3 em 23.
» Min. » 757mm,3 em 16.

Termometro. — Max. altura 34°,2 em 7.
» Min. » 14°,4 em 1.

O tempo conservou-se, em geral, pouco quente predominando os dias de temperatura baixa para a epoca. Apenas houve 4 dias de temperatura superior a 30°: em 5 (32°,2), 6 (32°,8), 7 e 20 (31°,1). Se a estes acrescentarmos as maximas dos dias 13 (26°,6) e 21 (27°,7), todas as demais fôram inferiores a 26°.

Nebulosidade muito elevada. — Céu limpo ou pouco nublado 17 dias.
» Nublado 14 dias.

Chuva — 1mm,9 em 2 dias (15 e 29).

Revista de chimica pura e applicada. — Fundadores e redatores proprietarios, professores, A. J. Ferreira da Silva, Alberto de Aguiar e José Pereira Salgado. 6.º anno, n.º 7, julho de 1910. Esta revista, a melhor no genero, que temos no nosso pais, publica os seguintes artigos:

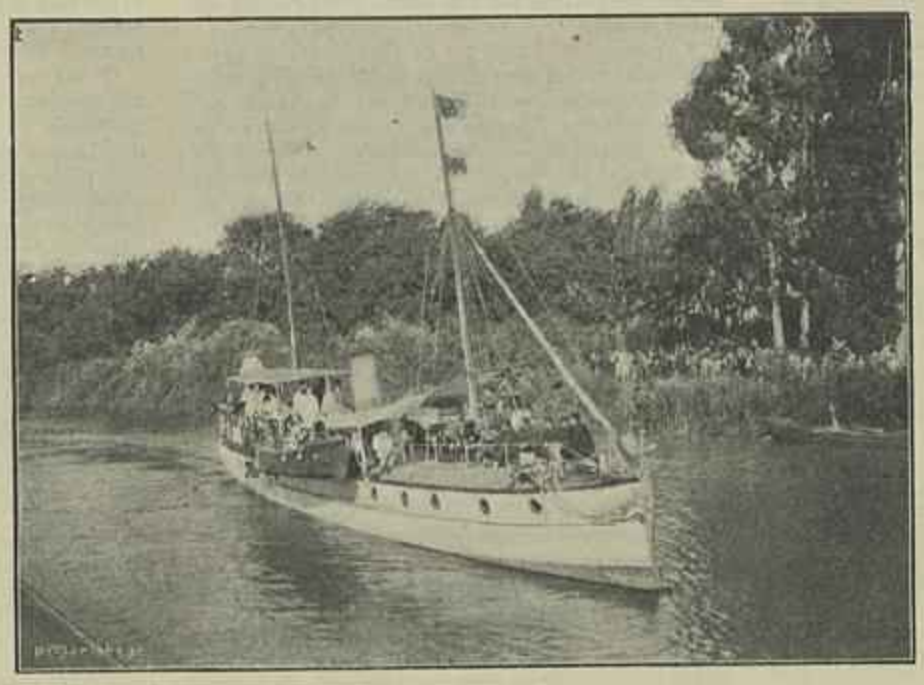
Chimica analytica; Chimica mineralogica; Chimica pharmaceutica; Chimica sanitaria; Bibliographia; Variedades; Necrologia.

Regata no Canal da Azambuja

Promovida pelo Real Club Naval, realisou se, no domingo 24 de julho, a regata deste anno no canal da Azambuja, e que é sempre uma das diversões mais agradaveis do verão, pelo excepcional encanto da paisagem e frescura do local por mais encalmado que seja o dia.

O passeio fluvial, rio acima, onde a viração acalma as ardencias do sol, é simplesmente deliciosa, como o foi a bordo do *yhcat* a vapor do sr. Holbeche, em que ia Sua Alteza o Principe D. Affonso e a direcção do Real Club Naval. A bordo ia uma banda executando um escolhido repertorio, que mais amenisava ainda a viagem, encurtando horas tão bem passadas.

Quando o *yhcat* entrou no canal, seguido da flotilha que o acompanhava, já ali tinha chegado o vapor *D. Augusto*, que conduzia os escurcionistas e a bordo do qual a viagem fôra muito animada.



Chegada do «Yacht» a vapor, do sr. Holbeche, conduzindo S. A. o Principe D. Affonso e a direção do Real Club Naval

Lindo e animado espectaculo apresentava então o canal, povoado de embarcações pequenas, cruzando-se em varios sentidos, fazendo fundo a este quadro vivo, a exhuberante vejetação que se alteava nas margens, por onde, sobre as relvas, a numerosa concorrencia de espectadores estanceava em alegres grupos, reinando a maior animação.

Dado o sinal da regata, todos os escurcionistas correram para as margens, deixando os frondosos arvoredos da quinta do Infantado, á sombra dos quaes tinham feito varios *pic-nics*.

Sua Alteza presidiu á regata que deu o seguinte resultado:

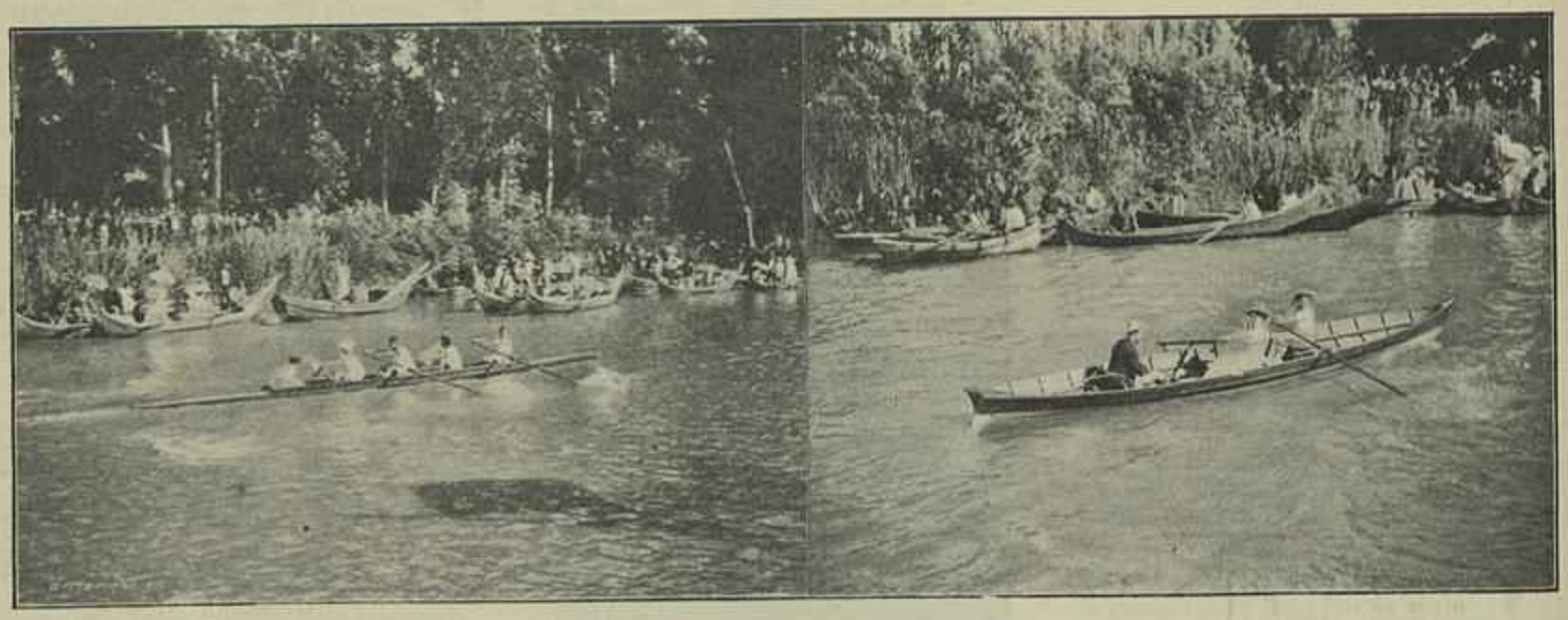
1.ª corrida, *outriggers*, 4 remos, venceram os srs. Antonio Tito, Frederico Burnay, D. Luis de Noronha, Carlos de Noronha Panaguião; timoneiro, D. Eugenio de Noronha.

2.ª corrida, *pic nics*, venceu a *Mary*, tripulada pelas meninas Gudrenn e Mied Wiborg; timoneiro, sr. J. Rocha Leão.

3.ª corrida, *outriggers*, 4 remos, vencedores os srs. Arthur Motta, José Stromp, Eugenio Pedroso, Jorge Ferro e Albano dos Santos, timoneiro.

4.ª corrida, *pairs-oars*, venceu a *Ave*, tripulada pelos srs. Antonio Tito, Rocha Leão e Vasco de Almeida, timoneiro.

Durante as corridas de barcos reinou grande enthusiasmo, tendo concorrido, além dos excursionistas que foram de Lisboa, muitos outros que vieram das terras proximas da Azambuja, atraidos pela regata, que é, sem duvida, uma das diversões que está mais na indole dos portuguêses, povo essencialmente maritimo, amando o mar, como sendo d'elle que tem advindo todas as suas conquistas e todas as suas maiores glorias.



As corridas de «outriggers» e «pic-nics»

(Instantaneos Alberto Lima)

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas,** dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1$200 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis